



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal japonês Yomiuri Shimbun

São Paulo-SP, 30 de junho de 2008

Jornalista: Eu tenho aqui uma relação de perguntas, dessas que o senhor já tem conhecimento, mas eu gostaria de mudar um pouco a ordem dessas perguntas...

Presidente: Deixa eu só dizer uma coisa da minha relação com o povo japonês. Quando eu tinha 12 anos, trabalhava em uma tinturaria de um casal de japoneses e ele tinha duas filhas pequenas. Então, eu tive uma grande relação com os japoneses. Depois, tenho dois grandes amigos. Um deles que é japonês, eu fui padrinho de casamento. O outro, do qual também fui padrinho de casamento, trabalhou comigo no sindicato mais de 20 anos. Foi o meu melhor amigo e morreu afogado em 1998, em um passeio que eu ia, não fui e ele foi no meu lugar. Ele deixou dois filhos no Japão, em Nagoya. Tem uma filha que é arquiteta, está trabalhando, e está com uma bolsa de estudos. Então, eu tenho boa relação.

Fui ao Japão a primeira vez em 1975. Eu era dirigente sindical e fui a convite da Toyota. Bem, dito isso, estou à disposição.

Jornalista: Então, Sua Excelência está indo para a reunião de cúpula, (inaudível) onde será discutida a questão do Protocolo de Quioto, ou seja, o pós-Protocolo de Quioto. O Brasil fará alguma sugestão, alguma proposta formal durante a reunião do G-8?

Presidente: Eu penso que a melhor proposta que nós poderíamos fazer na reunião do G-8, era que os países cumprissem o Protocolo de Quioto. O



Protocolo prevê alguns comportamentos, sobretudo a diminuição da emissão de gases do efeito estufa e, até agora, os países ricos fizeram muito pouco. O combustível continua sendo fóssil, as empresas continuam poluindo.

Eu penso que a primeira coisa que nós temos que saber é se o Protocolo de Quioto é de verdade e se as pessoas vão assumir a responsabilidade. Por conta da utilização do biocombustível, o Brasil reduziu as emissões de CO² em 640 milhões de toneladas desde a década de 70. O custo da produção do etanol, se for medir em litros, no Brasil custa 22 centavos de dólar o de cana-de-açúcar. Nos Estados Unidos, custa 40 centavos o do milho. A produtividade do etanol da cana-de-açúcar é 126% maior do que o etanol do milho. Nós produzimos 6,8 mil litros/hectare contra 3 mil litros do milho nos Estados Unidos. Ademais, um carro a gasolina, percorrendo o mesmo percurso com o mesmo motor, na mesma velocidade, produz 8,5 vezes mais CO² do que um carro a álcool. Além disso, 44% da matriz energética do Brasil é renovável. O mundo desenvolvido só tem 2. Então, o Brasil tem disposição para discutir essa questão do Protocolo de Quioto com muita vontade.

Jornalista: Com relação ao Protocolo de Quioto, uma coisa que está sendo levantada agora é que não existem metas a médio prazo, para 2020, e também metas de longo prazo, para 2050. O problema é a questão de médias quantitativas, se também nos países emergentes, os países em desenvolvimento, também deverão ter metas quantitativas definidas. Com relação a essa situação, o Brasil e também os demais países emergentes, o senhor acredita que eles deveriam ter essas metas quantitativas definidas e claras?

Presidente: Eu penso que todos nós temos que ter metas proporcionais ao tipo de poluição que nós produzimos. Os países que mais poluem têm que ter mais obrigações do que os países que menos poluem. Os países pobres que ainda



têm muitas florestas precisam receber um pagamento por conta da preservação das suas florestas.

Jornalista: Seria, então, na verdade, uma Fundação para...

Presidente: Um organismo ligado às Nações Unidas é que teria que fazer a distribuição. Quando nós formos exigir que um país pobre mantenha a sua floresta intacta, precisa ter uma compensação financeira. Porque o Protocolo de Quioto não pode exigir que os países ricos continuem ricos e recaia sobre os pobres a responsabilidade por seqüestrar o carbono emitido pelos países ricos.

Jornalista: Voltando às metas quantitativas. O senhor Everton Vargas é o embaixador de assuntos políticos do Itamaraty, subsecretário. Numa revista chamada Interesse Nacional ele deu uma entrevista dizendo o seguinte: existe a necessidade de os países emergentes fazerem controle das emissões, mas não deveria haver metas quantitativas claras. Se isso acontecesse, haveria então uma diferença cada vez maior entre os países adiantados e os países emergentes. Os países emergentes não têm responsabilidade histórica e não deveriam declarar uma meta numérica, quantitativa, específica. O senhor pensa da mesma forma?

Presidente: Primeiro, quem não quer metas são os países ricos. Até agora, pelo que eu sei, os países têm feito muito pouco para diminuir a emissão de CO². Eu não vi os países ricos cumprirem com aquilo que assinaram no Protocolo de Quioto. A minha idéia é que, se quiserem discutir metas quantitativas, vamos discutir proporcionalmente à poluição de cada país.

Jornalista: Então significa, com isso, que se os adiantados cumprirem a sua



promessa, então os países emergentes não teriam nenhum tipo de contrariedade em também ter metas quantitativas. Seria isso?

Presidente: Se os países ricos fazem a lição de casa, por que continuam utilizando combustíveis fósseis, que são os maiores emissores de gases de efeito estufa? Por que não introduzir os biocombustíveis na sua matriz energética? Essa é uma forma concreta de cumprir o Protocolo de Quioto. Segundo, os países pobres emergentes, no caso do Brasil, têm interesses próprios em preservar suas florestas. Por isso, para desenvolver a região Amazônica, você precisa de fábricas limpas, para não repetir o mesmo erro de desenvolvimento que foi feito no começo do século passado e que persiste até hoje. Por que os Estados Unidos continuam a produzir carros grandes, que quase precisam de uma refinaria em cima de cada um deles, quando poderiam produzir carros pequenos? Aqui, no Brasil, 90% dos carros vendidos no mercado interno são *flex fuel*, utilizam álcool e gasolina em qualquer proporção. Por que o mundo não adota isso? Toda gasolina brasileira já contém 25% de etanol. A Europa aprovou 10% para 2020. Por que não apressar o processo? A verdade é que tudo isso está relacionado ao padrão de consumo da Humanidade. Nós precisamos mudar hábitos para cuidar do Planeta.

Jornalista: Voltando à pergunta das metas quantitativas. (inaudível)

Presidente: É a terceira vez que eu falo sobre isso. O cumprimento de metas quantitativas tem que ser proporcional à responsabilidade de cada país: quem mais polui tem metas maiores e quem menos polui tem metas menores. O que não pode é os países poluidores trabalharem para impedir o desenvolvimento dos países emergentes.

Jornalista: Sua Excelência sugeriu, em maio, que se fizesse um tratado



internacional para promover o uso do biocombustível. O senhor falou para que todos os países pudessem participar desse tratado... Isso é o que a mídia me falou. Não houve isso?

Presidente: Não. Nós vamos ter uma grande conferência no dia 21 de novembro deste ano, para a qual queremos convidar governantes, cientistas, pesquisadores, ONGs e empresários, para aprofundar a discussão sobre biocombustíveis. O Brasil não quer obrigar ninguém a adotar a política brasileira. Nós queremos apenas que o nosso modelo seja discutido. Também, nós não aceitamos a idéia de que a alta dos alimentos seja por conta dos biocombustíveis. Primeiro, porque o mundo não produz biocombustíveis. Segundo, porque por trás da discussão sobre biodiesel nós temos que discutir o preço do petróleo. Quanto o petróleo representa no custo dos fertilizantes, no transporte de alimentos e também na produção de energia? Terceiro, discutir quanto da inflação de alimentos é de responsabilidade da especulação no mercado futuro de alimentos. Quarto, em quanto os subsídios dos países ricos prejudicam a produção dos países pobres? Nós temos um extraordinário desafio pela frente: aumentar a produção de alimentos. E aí, nós temos países asiáticos, toda a América Latina e toda a África, que podem produzir alimentos. Esse é um problema que nós precisamos encarar como um desafio e uma oportunidade. De 2001 a 2008, o mundo construiu um déficit de 176 milhões de toneladas de grãos e, no mesmo período, o Brasil produziu um superávit de 149 milhões de toneladas. Então, o Brasil acha que o mundo precisa discutir novos parâmetros para a produção de alimentos, porque tem mais pobres comendo no mundo.

Jornalista: Com relação ao problema dos alimentos e também com relação ao petróleo, nós sempre temos essa coisa especulativa, tanto sondando os alimentos como sondando o mercado de petróleo. O senhor acredita que existe



uma teoria que fala que deve haver um controle desse capital especulativo entrando nesses dois?

Presidente: Esse é um bom assunto.

Jornalista: O senhor acha que deve haver esse controle?

Presidente: Esse é um bom assunto, que eu acho que o G-8 precisa seguir debatendo. Eu vou lhe dar dois exemplos. A especulação financeira na área de alimentos faz com que o preço de 2010 seja precificado no alimento de 2008. Há cinco anos, nós tínhamos 13 bilhões de dólares na Bolsa de mercado futuro de alimentos. Hoje, temos 260 bilhões de dólares. Até outro dia, era fácil argumentar que a alta do petróleo se devia ao alto consumo chinês. Agora já está provado que a especulação no mercado futuro do petróleo tem o mesmo volume de petróleo utilizado pela China. Depois, os banqueiros europeus e americanos, que tomaram um grande prejuízo com o *subprime*, agora estão investindo na especulação de alimentos e na especulação de petróleo; portanto, não é possível que alguns poucos fiquem especulando com o destino alimentar da Humanidade. Se as pessoas quiserem especular com aquilo que não é essencial à vida humana, tudo bem. O que não pode é especular com o direito de comer da Humanidade. Não existe nenhuma explicação para o petróleo estar no preço que está.

Jornalista: Existe a possibilidade de aumentar em 2,5 vezes a produção de cana-de-açúcar para aumentar a produção de biocombustível. Agora, esses 2,5, eu entendi que seja, então, o do plantio da cana-de-açúcar. Em termos de biocombustível, qual a quantidade que se pode conseguir mais?

Presidente: Não tenho esses números, não. Só para você compreender: os



avanços tecnológicos estão contribuindo para que tenhamos cada vez mais o aumento de produção por hectare plantado. A cana-de-açúcar hoje, no Brasil, ocupa apenas 1% da terra agricultável. Está produzindo 23 bilhões, 17 bilhões de litros? Nós temos condições de dobrar, num pequeno espaço de terra... Quando eu penso nos biocombustíveis, eu não penso só no Brasil. Eu penso que Japão, Alemanha, França, Estados Unidos, Inglaterra, que esses países façam parcerias com outros países pobres e que produzam lá o seu combustível. Você não compra petróleo da Arábia Saudita? Não compra do Iraque? Não compra da Líbia? Do Catar? Da Rússia? Por que não comprar um pouco de biocombustível dos países africanos? Nós iríamos ajudar o desenvolvimento desses países, iríamos gerar empregos e diminuir a imigração, de que tanto a Europa tem medo.

Jornalista: Com relação à redução dos gases de efeito estufa, no Brasil nós ouvimos falar muito que existe essa responsabilidade comum, mas com diferenças, que é o que senhor fala (inaudível), não é isso? Até agora a discussão dos países adiantados era sobre como reduzir as emissões causadas pelos combustíveis fósseis. Por outro lado, o Brasil tem outra teoria de que só 25% dos combustíveis fósseis deveriam ser controlados e 75% seriam controle via floresta, controle de desmatamento. A teoria brasileira é que deveria ter uma discussão ainda maior no âmbito simplesmente de reduzir as emissões dos combustíveis fósseis, e dar mais atenção aos desmatamentos. É essa a posição do Brasil?

Presidente: São duas coisas distintas. Primeiro, o desmatamento tem que ser feito depois de um zoneamento agroecológico. Nós temos que definir corretamente a área em que poderemos plantar determinado tipo de cultura em cada país. No caso do Brasil, nossa riqueza, além da floresta, é a biodiversidade, que ainda exploramos pouco, ou seja, é um oceano verde



ainda pouco explorado. Por isso é que nós queremos preservar a Amazônia e que cada país preserve as suas florestas. O dado concreto é que a Europa tem apenas 0,3% da sua floresta original e o Brasil tem 69%. Então, preservar é extremamente importante, mas nós estamos falando de outra coisa. Os países ricos não podem continuar com o seu modelo de desenvolvimento poluidor, precisam mudar. Na Europa, estão produzindo agora o Euro 5. Cada vez que eles mudam a tecnologia de um carro ou caminhão, para colocar um filtro novo, o valor do carro aumenta 10% ou 15% e vai ficando mais difícil as pessoas poderem comprar.

Nós estamos dizendo ao mundo que é possível ter um combustível renovável, não poluente. Como plantá-lo, o Brasil tem 35 anos de experiência, mas queremos discutir com o mundo e que seja uma discussão científica, racional e não uma discussão ideológica e apaixonada. É isso que nós queremos.

Nós temos 10 países que fornecem quase todo o petróleo do mundo. Com os biocombustíveis, nós teríamos 160. Para fazer prospecção de petróleo em alta profundidade, uma sonda custa 700 mil dólares/dia. Uma plataforma de 200 mil barris custa 2 bilhões de dólares. Quantos países podem fazer isso? Quem tem tecnologia para isso? Meia dúzia de países? O que nós estamos propondo? O japonês mais humilde, o brasileiro mais humilde, o africano mais humilde, mesmo aquele analfabeto, pode cavar um buraco, plantar uma semente e colher um pouco de biocombustível. Portanto, o mundo está desafiado a discutir um novo padrão de desenvolvimento e um novo padrão de consumo. Eu sei que é muito difícil. Ninguém quer abrir mão do que tem, mas o mundo não pode ficar dividido eternamente entre os países que têm tudo e os países que não têm nada. É verdade que quem atingiu um padrão bom de vida não quer abrir mão de nada, mas também é verdade que metade da Humanidade não pode continuar passando fome. É isso que está em discussão e eu sei que leva tempo.



Jornalista: Como o Brasil vai participar da (Inaudível) proposta dos biocombustíveis?

Presidente: O Brasil vai continuar produzindo biocombustível e vai continuar provando ao mundo que é uma opção extraordinária. O Brasil vai continuar fazendo aquilo que entende que é melhor para o mundo. Você mora no Brasil?

Jornalista: Sim, tem oito meses que moro no Brasil.

Presidente: Você poderia acertar com o nosso governo, procurar o Inmetro e fazer um estudo entre um carro a gasolina e um carro a álcool, entre um caminhão a óleo diesel e um caminhão a biodiesel, para você ver a mudança extraordinária.

Jornalista: O Japão, no G-8 agora, de (inaudível). Enquanto o mundo está propondo 50% o Japão está pensando em propor 64% de redução. O que o senhor acha? O mundo pensa em, até 2050, redução de 50%. O Japão está pensando em propor agora, no G-8, de 60% a 80% de redução de emissão de gás.

Presidente: Até 2050?

Jornalista: Até 2050, é. O que o senhor acha desses números um pouco exagerados dos japoneses?

Presidente: Eu não acho que o número é exagerado, se você tem 42 anos pela frente. O que eu acho é que nós temos que assumir o compromisso de fazer o máximo que pudermos para diminuir o máximo possível. A única coisa



que não é justa é que os países pobres estejam impedidos de se desenvolver, de melhorar a vida do seu povo, e os países ricos continuam se desenvolvendo e cada vez mais consumindo mais. A Toyota, quando vier para o Brasil, certamente vai produzir *flex-fuel*. Já tem.

Jornalista: Já tem, acho que o Corola Flex. A Honda também, é verdade.

Presidente: Podem fazer o teste com os carros da Toyota e da Honda.

Jornalista: Muito obrigado.

(\$31DHJMP)